

EDUCAÇÃO INCLUSIVA E FLEXIBILIZAÇÃO DE ESTRATÉGIAS DE ENSINO: PESQUISA INTERVENTIVA COM UMA CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) EM PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO EM ESCOLA PÚBLICA MUNICIPAL DE FORTALEZA

Aleandra de Paiva Nepomuceno¹
Valdilene Sousa da Silva²
Viviane Alves de Oliveira Feitosa³

RESUMO

As exigências da sociedade atual fazem da educação escolar e em específico a alfabetização uma etapa cada vez mais essencial à vida do ser humano. Considerar a diversidade dessa sociedade é fator primordial, a escola no cumprimento de sua função social deverá possibilitar um atendimento educacional que respeite tal diversidade. O presente trabalho teve como objetivo conhecer quais os desafios e possibilidades no processo de ensino e aprendizagem em uma sala de aula regular para uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA), especificamente verificando quais são os desafios que compreendem o ato de ensinar uma criança com este transtorno em sala regular, bem como conhecer as possibilidades para alfabetizá-la, considerando limites e possibilidades. Para a presente pesquisa temos como metodologias; um estudo bibliográfico que visou aprofundar a temática em questão, revisitando pressupostos teóricos importantes de autores que tratam sobre alfabetização e letramento; autores que pesquisam sobre tecnologias digitais como recurso pedagógico para crianças autistas. E ainda, documentos do Ministério da Educação sobre Política Nacional da educação especial na perspectiva da educação inclusiva, bem como, uma pesquisa-ação que apresenta intervenções na realidade pesquisada. Temos como resultado os avanços significativos na aprendizagem da criança com TEA, propondo-se estratégias de flexibilização de atividades utilizando recursos digitais para uma Educação Inclusiva de fato.

Palavras-chave: Inclusão, Alfabetização, Transtorno do Espectro Autista (TEA).

INTRODUÇÃO

As exigências da sociedade atual fazem da educação escolar e em específico a alfabetização uma etapa cada vez mais essencial à vida do ser humano. Considerar a diversidade dessa sociedade é fator primordial, a escola no cumprimento de sua função social deverá possibilitar um atendimento educacional que respeite tal diversidade. Apesar dos desafios no cotidiano escolar serem cada vez mais presente no processo de ensino e

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará - UECE, especialista em Alfabetização de Crianças pela Universidade Estadual do Ceará – UECE, aleynha@hotmail.com;

² Especialista em Psicopedagogia e Atendimento Educacional Especializado (AEE)-Faculdade Plus, valdileneped@hotmail.com;

³ Mestranda Em Ensino de Ciências e Matemática do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Ceará - IFCE, vivi.ufc@hotmail.com;

aprendizagem é possível (re)pensar uma educação inclusiva em que a prática em sala de aula vise estratégias de flexibilização nas atividades, bem como um olhar diferenciado nas atitudes metodológicas, buscando assim contribuir no desenvolvimento acadêmico de um aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA), para além da perspectiva da interação social.

O presente trabalho teve como objetivo conhecer quais os desafios e possibilidades no processo de ensino e aprendizagem em uma sala de aula regular para uma criança com TEA, especificamente verificando quais são os desafios que compreendem o ato de ensinar uma criança com este transtorno em sala regular, bem como conhecer as possibilidades para alfabetizá-la, considerando limites e possibilidades.

Entendemos que o processo de inclusão escolar muito tem evoluído visto que historicamente a educação era direito de poucos, e as práticas de discriminação estavam sempre presente nas nossas escolas. O que observamos atualmente através de leis que norteiam o exercício da inclusão escolar cobrando do poder público a efetividade cada vez maior das políticas de inclusão e o direito das crianças a educação, como resultado desse processo, temos o aumento significativo das pessoas com deficiências e transtornos como exemplo o autismo no ambiente escolar.

Contudo sabemos que não basta garantir apenas a vaga das crianças com deficiência e/ou transtorno nas escolas, compreendemos que o processo de inclusão abrange bem mais que a permanência destes alunos em sala aula. A partir deste questionamento utilizamos como metodologia a pesquisa ação na qual, a partir da observação, refletimos sobre quais estratégias poderiam colaborar na inclusão de uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA)⁴ nas salas de aula de 1º, 2º e 3º ano do ensino fundamental I de uma escola pública do Município de Fortaleza.

Partindo dessas concepções justificamos a nossa temática percebendo a importância de se propor estratégias de flexibilização que promovam de fato a inclusão escolar do aluno em ciclo de alfabetização com TEA, possibilitando uma reflexão acerca da educação inclusiva e

⁴ O conceito de autismo infantil (AI), se modificou desde a sua descrição inicial, passando a ser agrupado em um contínuo de condições com as quais guarda várias similaridades, que passaram a ser denominadas de transtornos globais (ou invasivos) do desenvolvimento (TGD). Mais recentemente, denominaram-se os transtornos do espectro do autismo (TEA) para se referir a uma parte dos TGD: o autismo, a síndrome de Asperger e o transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação (portanto, não incluindo a síndrome de Rett e o transtorno desintegrativo da infância). Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_atencao_reabilitacao_pessoa_autismo.pdf Acesso em: 15 de agosto de 2019.

as estratégias utilizadas em sala de aula regular em parceria com a sala de recursos multifuncional (SRM) em uma escola pública de Fortaleza.

METODOLOGIA

O desenvolvimento da pesquisa contém na revisão bibliográfica, as principais discussões teóricas e a trajetória da mesma ao longo do recorte estudado. O presente estudo é uma pesquisa-ação, para Thiollent,

(...) um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita relação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT, 1998, p. 14)

Portanto, o trabalho baseou-se em uma pesquisa ação ocorrida entre os anos de 2017 a 2019, dos anos iniciais de 1º a 3º ano do Fundamental I (no caso, neste último ano optou-se em observamos apenas o 1º semestre) período de alfabetização, em uma escola pública do Município de Fortaleza localizada no Distrito de educação IV que funciona nos três turnos (manhã, tarde e noite) oferecendo ao público o Centro de Educação Infantil (CEI), pré-escolar, fundamental I e II e educação de jovens e adultos (EJA). Atualmente A escola possui uma sala de recurso multifuncional (SRM) com professora de AEE conta também com uma profissional de apoio nos turnos manhã e tarde.

A escola vem recebendo já alguns anos alunos com deficiência, totalizando atualmente cerca de 34 alunos com essa demanda, dentre elas, tem-se deficiência intelectual, física, múltiplas e TEA. O aluno da pesquisa ingressou na escola no ano de 2017, com 8 anos de idade, vindo de uma escola particular, na qual segundo relato da genitora, ele apenas figurava em sala de aula. O aluno foi matriculado no 1º ano do Fundamental I, mesmo com uma idade mais avançada do que as crianças da faixa etária dele na respectiva sala. Aqui para melhor entendimento o chamaremos de Pedro Henrique (nome fictício),

Pedro com diagnóstico de TEA, não se comunica através da fala, normalmente aponta para o que deseja, possui estereotípias, demonstra pouca concentração e atenção. Assim que se inicia sua vida escolar nesta nova escola começam também os desafios de como educar esta criança, dentro das suas possibilidades e especificidades. Através dessa realidade que observamos iniciamos nossa pesquisa, buscando estratégias que pudessem inserir Pedro Henrique de fato nesta nova realidade, visto que, como citado pela mãe do aluno, ele na escola anterior apenas estava presente e nada fazia. Segundo Thillent,

Em geral, a idéia de pesquisa-ação encontra um contexto favorável quando os pesquisadores não querem limitar suas investigações aos aspectos acadêmicos e burocráticos da maioria das pesquisas convencionais. Querem pesquisas nas quais as pessoas. Aplicadas tenham algo a "dizer" e a "fazer". Não se trata de simples levantamento de dados ou de relatos a serem arquivados. Com a pesquisa-ação os pesquisadores pretendem desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados. (THIOLLENT, 1998, p. 16)

A pesquisa teve início através da observação do aluno em diversos ambientes, como sala de aula regular, SRM, intervalos, relatos da casa dele e outros momentos que pudessem nos ajudar neste trabalho. Durante as observações iniciais percebeu-se que ele já sabia o alfabeto, as vogais do primeiro nome, entendia alguns comandos e demonstrava um grande interesse na utilização de mídias como celular, computador, tablete. A partir dessa investigação, as estratégias de flexibilização para propiciar o desenvolvimento escolar de Pedro, começaram a ser colocadas em prática. Assim, enquanto observávamos intervínhamos na realidade do aluno.

O serviço disponibilizado em algumas escolas de Fortaleza para os estudantes com deficiência, chamado de Atendimento Educacional Especializado (AEE) que ocorre no contra turno, nas SRM amparado pela Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008), promove nas escolas a quebra de barreiras, buscando tornar a inclusão do público alvo da educação especial mais efetiva. Portanto como citado acima, a partir do momento que se descobriu as condições do aluno as professoras de sala de aula regular e AEE começaram a produzir matérias que pudessem facilitar a aprendizagem do aluno. As aulas agora eram pensadas também para incluir Pedro dentro das suas possibilidades naquele mundo.

Enquanto os alunos tinham livros de papel Pedro utilizava o computador para ter acesso ao material que a professora utilizava em sala, este material, muitas vezes era desenvolvido pela professora do AEE com a colaboração da professora da sala regular. O aluno utilizava sempre que possível em sala o computador, no qual treinava o nome, treinava a construção de palavras, dentre outras atividades que poderiam ser pensadas para o grupo.

A Secretaria Municipal de Educação (SME) por meio de seus Distritos de Educação, encaminham para as escolas Avaliações Diagnósticas de Rede (ADR), avaliações de acompanhamento da aprendizagem das crianças no que se refere à leitura e a escrita. Essas avaliações são impressas e as crianças devem responder à lápis. Repensamos uma adaptação de avaliação para Pedro, dessa forma a professora do AEE realizava o ditado das palavras enquanto Pedro Henrique as digitava no computador para identificar a hipótese de escrita, em

seguida as palavras digitadas eram impressas e coladas no local onde as crianças deveriam escrever.

A criança encontrava-se na hipótese silábica⁵, ao identificarmos a hipótese de escrita, desenvolvemos atividades adaptadas. Alguns materiais foram confeccionados, bem como a utilização do computador como ferramenta no processo de ensino-aprendizagem para flexibilização de estratégias para o aluno. As trocas pedagógicas entre a professora regente e a professora da Sala de Recursos (SRM) foram fundamentais ao processo de inclusão do aluno, no sentido que a professora da Sala de Recursos promovia atividades dentro do contexto do que era trabalhado em sala de aula regular, trazendo ferramentas que complementavam o que a professora regente ministrava nas aulas, provendo assim, um suporte a mais na aprendizagem do aluno.

DESENVOLVIMENTO

Vivemos em uma época direcionada por uma sociedade do conhecimento, na qual a cada segundo somos bombardeados por novas informações. Como acompanhar? Como inserir estudantes com e sem deficiência nessa sociedade do conhecimento? A informática ou o uso das novas tecnologias, ocupam um importante papel na sociedade atual. A sua relevância, em áreas como a saúde, segurança e a educação. Dessa forma muitos docentes se utilizam dessas ferramentas para estimular avanços no desenvolvimento de seus discentes com e sem deficiência.

As ações desenvolvidas no espaço escolar visam potencializar meios e recursos para se alcançar a aprendizagem como algo que deva acontecer de maneira relevante e fascinante. Nesse sentido os recursos disponibilizados devem ir ao encontro das necessidades de cada um. Buscando oferecer oportunidades de aprendizagem de acordo com a especificidade de cada indivíduo a professora do AEE constitui uma motivação acrescida com necessidades educativa do aluno de oferecer suporte que contribuisse com o seu desenvolvimento educacional. O uso da tecnologia móvel possibilitou ao aluno Pedro Henrique a ser inserido na dinâmica de atividade promovida em sala de aula, assim oportunizando a ele que ocupasse os espaços de sujeito no processo de aprendizagem, afastando assim uma idealização de sujeito aprendente pela escola tradicional.

⁵ Nomenclatura utilizada para a hipótese de escrita baseada nos estudos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky.

Essa estratégia pedagógica para aluno com Transtornos de Espectro Autista permitiu a socialização entre estudantes com e sem deficiência.

Para os estudantes que não apresentam comunicação não verbal, formas alternativas têm sido fortemente estimuladas pelo uso de imagens e sons, apoiando o desenvolvimento do simbolismo. Para um sujeito com Transtorno de Espectro Autista lembrar uma imagem, mesmo quando ela não está presente, é fundamental para o desenvolvimento da fala verbal. Nessa perspectiva, aplicativos educacionais disponibilizadas em tablets, pela interação mais amigável que proporciona ao usuário com deficiência, ampliam as possibilidades de diferentes recursos digitais, entre eles a utilização de programas de comunicação alternativa. (SANTA ROSA, L.M.C. & CONFORTO, 2015, p. 360)

Processos de aprendizagens com o foco em jogos digitais permitiu desenvolver a autonomia e a competência de seguir as regras. Nas observações realizadas pela professora regente e do AEE, foi possível apreender a agilidade do estudante em entender e identificar as letras, formas geométricas, mexer e encaixar peças com agilidade. Conseguia estabelecer imagens na sequência de números e letras, todo esse processo fazia com que o aluno crescesse na construção da consolidação da alfabetização.

As instituições educativas têm função central na ascensão e na condução de métodos para a consolidação de uma sociedade inclusiva. A fim de que esses exercícios se concretizem será preciso que exemplos de acessibilidade e de usabilidade ocorram em relação aos produtos e aos serviços oferecidos às escolas brasileiras para que os mesmos resultem como possibilidades para os estudantes com e sem deficiência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Obtivemos neste trabalho os seguintes resultados a acerca dos desafios e possibilidades no processo de ensino e aprendizagem em salas de aula regulares para uma criança com autismo, haja vista, apesar das especificidades do aluno que iremos apresentar mais a frente, observamos que as estratégias pensadas como a utilização de mídias como computador, tablete e outras, bem como a parcerias com professor de sala de aula regular e professor da sala de recurso multifuncional possibilitou e vem possibilitando o avanço escolar do aluno. Observou-se diariamente o progresso do aluno através da mudança de comportamento em sala, sua participação nas atividades sugeridas pelas professoras tornando o processo de inclusão desta criança cada vez mais eficaz para além da socialização escolar.

Observamos durante os anos de 2017 a 2019 que o aluno veio progredindo bastante. A as estratégias de flexibilização nas atividades no primeiro ano de estudo dele na escola,

fizeram com que ele já no final do ano de 2017 conseguisse concentrar um pouco mais, bem como já estava a nível silábico com valor sonoro. Demonstrou ainda evolução a nível comportamental, passava mais tempo sentado na cadeira, antes ficava andando com maior frequência na sala. Já escrevia o nome e pré-nome, contudo, já se observava que para que as estratégias pensadas pelas professoras acontecessem era necessário que o aluno tivesse uma pessoa diretamente com ele, tendo em vista, como comentado, a atenção dele ser muito rápida e o tempo diferente dos outros alunos.

Mas, como relatamos, o aluno veio progredindo, contudo, na nossa pesquisa interventiva pode-se pensar enquanto professoras em processo formativo que a experiência serviu de base para refletirmos e (re)pensarmos a prática, adaptando as atividades e produzindo materiais pedagógicos para auxiliar o processo de alfabetização e consequentemente de inclusão de uma criança autista. Segundo Magda Soares,

É preciso reconhecer que saberes sobre a alfabetização se constroem não só por teorias, mas também se constroem em decorrência dos fazeres cotidianos dos que alfabetizam: há saberes teóricos e há os saberes da prática; dessa maneira, há fazeres propostos por teorias, e há os fazeres propostos pela prática, aqueles fazeres que efetivamente se revelam possíveis e condizentes com as circunstâncias reais em que se desenvolve o processo de alfabetização, sob condições as mais variadas, por participantes específicos e para participantes específicos. (SOARES, 2014, p. 31)

Portanto, no cotidiano da escola e diante das circunstâncias traçamos uma fazer pedagógico que se revelou condizente com a realidade vivenciada. Observou-se que os desafios e possibilidades no processo de ensino e aprendizagem em salas de aula regulares para uma criança com autismo apesar das especificidades do sujeito quando pensadas estratégias como a utilização de mídias como computador, tablete e outras, bem como a parcerias com professor de sala de aula regular e professor da sala de recurso multifuncional possibilitou e vem possibilitando o avanço escolar do aluno. Percebeu-se diariamente o progresso do aluno através da mudança de comportamento em sala, sua participação nas atividades sugeridas pelas professoras tornando o processo de inclusão desta criança cada vez mais eficaz para além da socialização escolar.



FOTO 1. Atividade de alfabetização adaptada para Pedro Henrique

No ano seguinte Pedro Henrique mudou de professora, contudo, a escola já contava com um profissional de apoio que algumas vezes estava com ele em sala. A partir de observações e reflexões sobre o progresso do aluno, questionamo-nos à necessidade de um profissional diariamente com os alunos com TEA, dando o suporte necessário ao discente e ao docente da sala regular. Mesmo já sendo Lei o direito da criança com TEA ser acompanhada pelo profissional de apoio em sala de aula regular, na prática ainda esbarramos com burocracias que não disponibilizam um profissional para todas que precisam. Normalmente a Secretaria de Educação do Município disponibiliza para as escolas esse profissional, porém, como a demanda de alunos é bem maior que os profissionais na escola, ainda é algo a ser questionado pelas instituições.

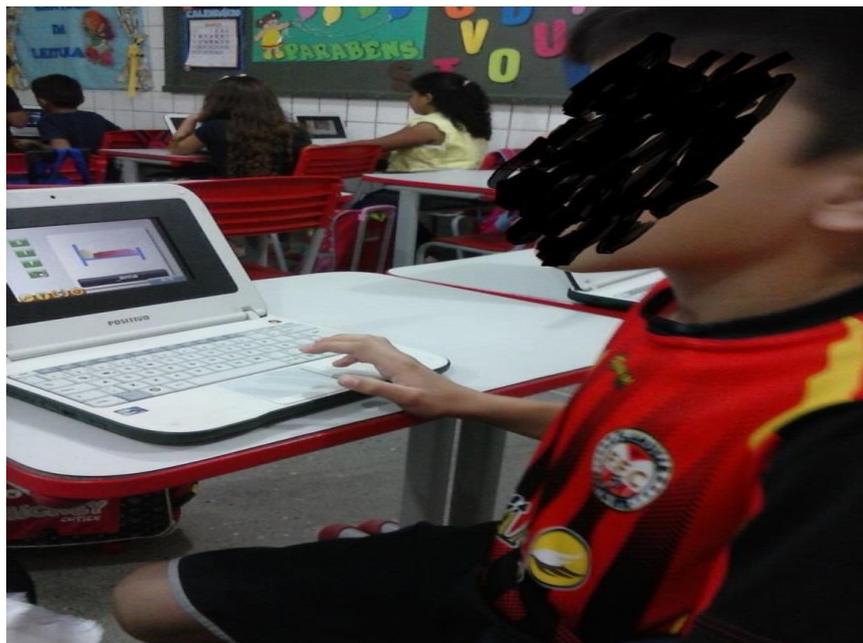


Foto 2. Atividade de alfabetização do programa Luz do Saber

Já no final do primeiro semestre de 2019 o que observamos a nível de avanços nestes dois anos e 6 meses de pesquisa foi que Pedro Henrique já conseguia escrever o nome completo com o auxílio do computador, ou alfabeto móvel. O aluno ainda não desenvolveu coordenação motora para escrita a lápis. Demonstrou reconhecer os números de 1 a 80, ocorrendo ainda de digitá-los de forma espelhada. Processo este que ocorre com algumas crianças exatamente no período de alfabetização. Digita palavras de formação canônicas como exemplo; “casa, bola, sapo, banana” .

Assim avaliamos positivamente que com a mudanças de atitude, novas estratégias torna-se possível à inclusão dos alunos com deficiência no ambiente escolar. Atitudes como a adaptação de atividades, como foi pensada para esta criança fizeram com que Pedro, certamente tivesse garantido seu direito a educação de qualidade.

Entendemos que a educação inclusiva proporciona um convívio harmonioso entre as pessoas que compreendem o sentido que ela possui. A política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva nos diz que (2008):

A educação inclusiva constitui um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis, e que avança em relação à ideia de equidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão dentro e fora da escola. (BRASIL, 2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto consideramos a relevância da presente pesquisa para a reflexão no que se refere a Educação Inclusiva, considerando os resultados obtidos com o consequente avanço de Pedro Henrique no cotidiano escolar. As tecnologias para os docentes nascem como uma ferramenta de ajuda para a aprendizagem de estudantes com e sem deficiência, com seriedade, para as que auxiliem nas condições especiais para o seu ensino.

Sabemos que toda e qualquer pesquisa não se encerra em si, ou seja, abre-se uma discussão para ampliação da mesma e consequentemente teremos outros achados a partir do olhar cuidadoso daquele que investiga. Neste sentido, buscamos compreender e intervir na realidade pesquisada de modo a contribuir significativamente com a educação básica e assim, transformar a realidade de nossas crianças.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Hugo Fernando Azevedo. Análise do recurso a novas tecnologias no ensino de autistas. Instituto Superior de Engenharia do Porto Departamento de Engenharia Informática Mestrado em Engenharia Informática - Sistemas Gráficos e Multimídia. Nov 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional da educação especial na perspectiva da educação inclusiva**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeduc ESPECIAL.pdf>. Acesso em 15/08/2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA) / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – Brasília : Ministério da Saúde, 2014. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_atencao_reabilitacao_pessoa_autismo.pdf Acesso em: 15 de Agosto de 2019.

SANTA ROSA, L.M.C. & CONFORTO, D. Tecnologias Móveis na inclusão escolar e Digital de Estudantes com Transtorno de Espectro Autista. Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, v. 21, n. 4, p. 349-366, Out.-Dez., 2015.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da Pesquisa-ação. 8 ed. São Paulo. Cortez, 1998.